

## DUAS INTERPRETAÇÕES SOBRE LOUCURA E GÊNERO: FRANCA BASAGLIA E MARCELA LAGARDE

Marina Zminko Kurchaidt<sup>1</sup>

Jasmine Silva Saraiva<sup>2</sup>

Mariana Baccule Brandão<sup>3</sup>

Camila Muhl<sup>4</sup>

*Triste, louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal  
A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina  
Só mesmo, rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar  
(Canção de Francisco, el Hombre)*

### RESUMO

Gênero é uma construção social que busca definir as formas de ser homem e mulher numa sociedade cultural e historicamente situada. O gênero impacta em muitas áreas da vida de uma pessoa e na forma como ela desenvolve suas performances de comportamento, vestimenta, expressão e até mesmo em sua saúde mental. O objetivo deste trabalho, que se caracteriza como uma revisão de literatura narrativa, é investigar, a partir das obras de Franca Basaglia e de Marcela Lagarde, as relações entre gênero e saúde mental para as mulheres; em especial, como se dão as suas experiências em situações de sofrimento psíquico ou de diagnóstico de um transtorno mental.

**Palavras-chave:** Mulher. Loucura. Saúde Mental. Gênero.

<sup>1</sup> Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* marina.kurchaidt@mail.fae.edu

<sup>2</sup> Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* jasmine.saraiva@mail.fae.edu

<sup>3</sup> Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* mariana.brandao@mail.fae.edu

<sup>4</sup> Orientadora da Pesquisa. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* camila.muhl@fae.edu

## INTRODUÇÃO

Para contextualizar o nosso problema de pesquisa que se debruça sobre a intersecção entre gênero e saúde mental, para pensar especificamente o fenômeno do enlouquecer nas mulheres, iremos explorar alguns dados diagnósticos, começando pelas informações do *Relatório Mundial da Saúde: Saúde Mental, nova concepção, nova esperança* produzido pela Organização Mundial de Saúde (2001), que aborda o sofrimento e os agravamentos à saúde mental das mulheres em todo o mundo, considerando especialmente os múltiplos papéis de gênero que elas precisam desempenhar concomitantemente (esposa, mãe, educadora, prestadora de cuidados, trabalhadora) e que trazem carga de estresse e responsabilidades específicas. O documento também aponta como as mulheres são mais impactadas pela violência doméstica e sexual, pobreza, excesso de trabalho e discriminação sexual. Esse cenário faz com que elas recebam mais prescrições de medicação psicotrópica do que os homens.

Na mesma direção, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM V (APA, 2014), da *American Psychiatric Association*, aponta que existem diferenças entre homens e mulheres na expressão de transtornos mentais. No âmbito do DSM V, gênero é acionado como a autorrepresentação do indivíduo e as consequências psicológicas, comportamentais e sociais do gênero percebido. Para o diagnóstico psiquiátrico, o gênero influencia a forma como o sintoma será vivenciado pelos diferentes grupos e já há estudos que demonstram que meninos e meninas apresentam formas distintas do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (SILVA; SILVA, 2023), bem como outros diagnósticos que em mulheres têm maior presença de certas comorbidades ou sintomas específicos.

Estes dados nos permitem perceber a influência direta que as configurações de gênero socialmente postas trazem para a saúde mental, e também para a instalação e vivência dos transtornos mentais. Tendo isso em vista, o presente artigo tem como objetivo explorar essa relação, em especial, no que tange às mulheres, uma vez que elas são mais impactadas em sua saúde mental por conta de estereótipos de gênero. A construção da ideia de loucura na sociedade moderna enquanto uma antítese da racionalidade faz com que socialmente se compreenda o enlouquecimento da mulher como um processo com especificidades atravessadas pelo gênero, já que a razão é vista como uma característica distintiva e relacionada ao masculino, enquanto a loucura é associada à irracionalidade e ao feminino.

Quanto à metodologia utilizada neste trabalho, optou-se pela revisão de literatura narrativa, que consiste em uma abordagem de pesquisa qualitativa que não se propõe a realizar uma revisão sistemática de toda a bibliografia sobre o assunto, mas

o levantamento de fontes pertinentes ao foco e objetivo de pesquisa propostos. De acordo com Gil (2008), a pesquisa do tipo revisão de literatura é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Carvalho (2020) complementa que este método é uma ferramenta com grande potencial e pode ser explorada em várias áreas de pesquisas acadêmicas, oferecendo como grande contribuição para o processo de sumarização e de síntese de dados advindos de trabalhos previamente publicados.

A principal vantagem desse procedimento é que permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Nesta modalidade de revisão, as fontes são selecionadas com base em critérios pré-definidos, como relevância, qualidade metodológica e contribuição para o conhecimento, permitindo que o pesquisador extraia informações relevantes e realize uma análise interpretativa para identificar padrões, tendências e lacunas. Assim, considerando que o tema de pesquisa deste trabalho são as configurações de gênero e suas relações com a loucura, esta estratégia metodológica mostrou-se particularmente importante, já que se trata de um problema de pesquisa que requer dados dispersos pelo espaço e tempo histórico. Especificamente, este trabalho não se propõe a esgotar as fontes existentes (GIL, 2008).

Para a realização da revisão narrativa, foram selecionadas duas obras que refletem sobre as relações de mulher e loucura. A primeira obra analisada é *Mujer, Locura y Sociedad*, da socióloga italiana Franca Ongaro Basaglia (1987), que apresenta o conceito de loucura como um *produto* histórico-cultural, não-natural. Aqui, há uma compreensão a partir da associação da mulher-natureza e de que as categorias normativas que se referem à mulher tomam o seu corpo enquanto centralidade. A segunda obra escolhida para integrar esse trabalho foi *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*, de autoria da antropóloga mexicana María Marcela Lagarde y de los Ríos (2005), trabalha com uma definição da loucura da mulher a partir do não-cumprimento dos papéis que lhe são socialmente esperados, sendo eles associados a sexualidade, maternidade, noções de feminilidade e de serviência ao outro, que é sempre masculino.

A escolha dessas duas obras parte de três fatores principais, sendo eles (i) a presença de definições de loucura e categorias explicativas para o atravessamento de gênero na saúde mental; (ii) o entendimento de que o “enlouquecimento da mulher” parte de pressupostos específicos, advindos de um fenômeno cultural que atravessa as mulheres enquanto coletividade e também em sua individualidade; (iii) o escasso conhecimento sobre a produção dessas autoras no Brasil. Até o momento de conclusão deste trabalho, não foram localizadas traduções ao português das obras aqui escolhidas como referenciais teóricos.

Buscamos ainda, com a escolha das referidas autoras, corrigir apagamentos epistêmicos tão comuns na ciência moderna. Danila Suárez Tomé (2016) fala da relação intrínseca entre conhecimento e poder, de forma que a legitimação do conhecimento depende, em última instância, das relações de poder. Isso quer dizer que dependendo da raça ou etnia, da idade, do gênero e da localização de quem produz o conhecimento, este vai ser considerado com maior ou menor valor epistêmico. Essa problematização atravessa toda a nossa pesquisa, uma vez que, historicamente as teorias consideradas como universais não levam em consideração a experiência feminina (TOMÉ, 2016), assim, a produção reconhecida e validada sobre a loucura, na verdade é sobre a loucura masculina, o que justifica o desenvolvimento deste estudo.

No caso de Marcela Lagarde, mexicana, há um apagamento geográfico, por se tratar de uma produção de um local periférico. Lagarde nasceu em 1948, na Cidade do México, e é acadêmica, antropóloga, pesquisadora e uma das principais representantes do feminismo latino-americano. Dedicou-se ao estudo antropológico da condição feminina e é catedrática da Universidad Nacional Autónoma de México. Foi eleita deputada entre os anos de 2003 e 2006 no Congresso Federal mexicano pelo Partido da Revolução Democrática. Sua legislatura foi dedicada ao trabalho em favor dos direitos das mulheres, com especial destaque à promoção da tipificação do crime de feminicídio no Código Penal Federal do México.

É sabido que o acesso e divulgação a pesquisas de países latinos em contextos internacionais é dificultado por conta de mecanismos de colonização, que impõem uma hierarquia de conhecimentos, em que os saberes das culturas dominantes - estadunidense e europeias -, são considerados superiores, enquanto os saberes das culturas colonizadas - latinas, africanas e asiáticas -, são desqualificados ou invisibilizados. Observa-se que:

Filósofas negras, indígenas e/ou latino-americanas apresentam ainda mais dificuldade em serem reconhecidas e legitimadas como produtoras de conhecimento científico-filosófico e terem suas vozes ouvidas nesse âmbito. Na maioria dos casos, para alcançarmos as filosofias produzidas por essas mulheres, temos que buscar por conta própria em meios de conhecimentos alternativos, pois o acesso a essas obras não é facilitado como o das obras produzidas por filósofos brancos e europeus e são ainda mais apagados que as obras de filósofas brancas. Isso acontece porque a colonização originou uma série de desqualificações e hierarquizações raciais, culturais, religiosas, sociais e até mesmo de gênero, as quais deram início a diversos tipos de agressões e extermínios físicos e intelectuais contra os povos dominados, e conseqüentemente, marcaram as mulheres nativas colonizadas e escravizadas e também as gerações posteriores. (CARDOSO, 2023, p. 58)

Connell (2016) denuncia como a teoria de gênero é produzida principalmente no Norte Global e a população do sul é usada apenas para coleta de dados e aplicações práticas do conhecimento científico, nunca vista como criadora de paradigmas científicos. Isso é particularmente problemático nas ciências humanas e sociais pois significa que as práticas sociais e experiências de uma pequena parte da população mundial se tornam a base das teorias que dominam o campo do conhecimento no restante do planeta. Para a autora, apenas uma teoria de gênero que incorpore sistematicamente o pensamento e a experiência do mundo da maioria - e não apenas a parcela privilegiada do norte global - conseguirá dar conta de compreender as complexidades das dinâmicas de gênero.

Com a obra de Franca Basaglia, ocorre o apagamento epistêmico pela questão de gênero. Basaglia nasceu em Veneza, na Itália, em 1928, e foi uma figura de grande referência nacional para lutas e processos de resistência e de garantia de direitos humanos em seu país natal, a partir da década de 1960. Foi socióloga e política e defendia uma atenção psicossocial territorial e um feminismo antimanicomial. Foi membro do Partido Comunista Italiano, eleita duas vezes como senadora durante a década de 1980, dedicada às pautas vinculadas a drogas, violências sexuais, prisões e manicômios. Em um trabalho conjunto com seu esposo, Franco Basaglia, fundou o movimento que ficou conhecido como Psiquiatria Democrática, voltado a transformar o sistema psiquiátrico italiano tradicional em um modelo alternativo de tratamento, baseado na desinstitucionalização. Ambos foram figuras centrais para a implementação da Lei 180/1978, na Itália, que direcionou o fechamento dos hospitais psiquiátricos italianos.

No entanto, apesar de suas grandes contribuições, Franca não é uma figura histórica reconhecida, enquanto Franco ficou internacionalmente reconhecido como o nome referência do movimento da Psiquiatria Democrática. Franca Basaglia e sua obra foram marginalizadas e excluídas dos espaços de produção e de circulação do conhecimento e suas experiências e contribuições foram apagadas dos registros históricos e dos discursos acadêmicos e científicos, como uma mulher sub-representada e subvalorizada nas posições de liderança e de pesquisa que assumiu.

Tomé (2016) contribui para a análise dessa situação: a autora fala sobre uma constante presente na história da filosofia e da ciência enquanto o domínio do racional sobre o emocional, de modo que o primeiro vai ser denominado “científico” e o segundo será excluído da reflexão epistemológica. O problema com essa ideia presumidamente neutra, é que na modernidade essa dicotomia é dupla com racionalidade e masculinidade de um lado, se contrapondo a emoções e feminilidade do outro, o que gera uma imagem de que o produtor de conhecimento é sempre um homem, pois a mulher, que se emociona e se deixa levar, não seria capaz de desenvolver um raciocínio objetivo, demonstrando o viés androcêntrico presente na ciência.

Acionamos aqui a noção de apagamento epistêmico, para denunciar o fenômeno que faz com que conhecimentos de certos grupos ou indivíduos sejam negados, desacreditados, diminuídos ou desvalorizados por hierarquias de poder e estereótipos baseados em suas identidades sociais, culturais ou políticas. No caso deste estudo, o apagamento das obras de Basaglia e Lagarde ocorre por representarem um pensamento contra-hegemônico produzido por mulheres sobre mulheres, ou seja, não representam pressupostos do saber majoritariamente europeus, brancos, cis, heteronormativos e masculinos. Por isso, nos dedicaremos nas próximas seções deste trabalho ao detalhamento da obra das autoras.

## 1 BASAGLIA E A LOUCURA COMO A NATUREZA DA MULHER

Franca Basaglia (1987) inicia o texto de *Mujer, Locura y Sociedad* tecendo uma reflexão política sobre a luta de libertação da mulher. Como já mencionado neste artigo, não foram localizadas traduções em português da obra de Basaglia, de forma que se trabalhou com a versão da tradução mexicana de 1987 (a 1ª edição é de 1983), feita por Ana María Magaldi e Clara Kielack através da Universidad Autónoma de Puebla.

A autora italiana pondera que no momento em que a mulher começa a reivindicar sua existência como sujeito histórico-social, encontra-se obrigada a romper com todos os níveis de opressão, privados e públicos, individuais e sociais, tratando-se de um questionamento radical que a obriga a se confrontar com sua própria prática e com a do outro, a prática cotidiana em que elementos naturais e culturais estão indissociavelmente confundidos (BASAGLIA, 1987).

Durante o texto, Basaglia (1987) relaciona a opressão e o estigma enfrentados pelas mulheres socialmente consideradas “loucas” com a construção da doença mental na racionalidade do capitalismo e com as diferentes formas de opressões e medicalizações a partir das relações de classe e de gênero. A autora problematiza a concepção de sujeito universal, que é fundada na medicina psiquiátrica, levantando condições históricas que sistematicamente reduziram as mulheres ao corpo, à natureza e à irracionalidade. Ela mostra-se crítica à aceitação do senso comum de “loucura”, que entende ser empregada para excluir e marginalizar indivíduos que não se enquadram às normas dominantes. Assim, propõe-se a investigar, e não somente interpretar, a loucura das mulheres como um fenômeno explícita e historicamente determinado (BASAGLIA, 1987).

O corpo representa o primeiro e mais central problema na luta de libertação da mulher para Basaglia (1987), pois acredita que a diversidade natural entre os corpos

feminino e masculino é traduzida culturalmente em desigualdade social e histórica, sendo este problema o que reúne todas as mulheres, independentemente de qual seja sua classe social, em uma única categoria: a inferioridade e invalidação da existência feminina estão ligadas ao *ser mulher* e a sua *natureza*.

Um ponto característico da obra é traçar o denominador comum que determina o que é ser mulher na cultura ocidental, na relação entre mulher e natureza. Basaglia (1987) não afirma que inexistem diferenças de classes e margens de liberdade, opressão e privilégios entre as mulheres; no entanto, assinala que o denominador comum de ter nascido mulher em uma cultura em que este feito é, por si só, menosprezado, instala o primeiro nível de opressão sofrido por toda e qualquer mulher.

Assim, toma o corpo como uma prisão natural e cultural, já que se trata de um feito natural do qual não se pode prescindir e que não se pode anular, mas que, para certas identidades, foi culturalmente tornado sinônimo de inferioridade, tendo o elemento natural sempre invocado para justificar o seu domínio - ao negro, ao judeu, ao louco e à mulher sempre foram conferidas características naturais próprias de modo a necessitar de um patrono (BASAGLIA, 1987). Aqui, Basaglia parte da lógica cultural de legitimação do poder, fundante da nossa cultura ocidental, que sempre se utilizou de elementos naturais para validar o poder. No caso específico da mulher, as dificuldades para se expressar e ser reconhecida como pessoa e membro participante da vida social estão essencialmente ligadas ao seu *ser mulher* e por sua função *natural*. As representações desta prisão natural e cultural podem ser, por exemplo, a maternidade, a contracepção, o aborto, as orientações sexuais, violações e estupro.

Há que se destacar que Basaglia entende que o homem também tem um corpo, mas que, neste caso, com exceção dos homens homossexuais, a existência masculina não está centrada em sua sexualidade nem desta depende. A sexualidade masculina e heterossexual tem sido culturalmente identificada *a priori* com o poder, com o domínio e com a potência. O homem por definição é forte e cheio de necessidades cuja satisfação não pode adiar. Ocupa todo o espaço em que se encontra e, com exceção da doença e da morte, está livre de qualquer vínculo natural (BASAGLIA, 1987). Da mesma forma que a fragilidade e a passividade são culturalmente associadas à natureza feminina, a potência e o domínio são culturalmente associados ao homem:

[...] é um corpo que lhe serve - e se propõe que lhe sirva - como instrumento de luta contra a própria natureza, como instrumento de construção de uma vida que lhe corresponda, comprometido com a ação, com o tempo e com o pensamento. (BASAGLIA, 1987, p. 16, tradução livre)

A subordinação da mulher passa, assim, pela identificação total entre corpo e função social e artificialmente traduzidas em um corpo sexuado e privado de necessidades subjetivas e sociais. Essa subordinação é entendida como uma incapacidade natural da mulher em se autoadministrar, que aparece também como doçura, feminilidade, maternal, fragilidade, propensão natural ao sacrifício e à dedicação, necessidade de proteção e de tutela (BASAGLIA, 1987). Isso significa, ainda, que as mulheres fortes, inteligentes, privadas de atrativos, não maternais, agressivas são socialmente lidas como fenômenos “contra naturais”.

Adentrando ao campo da loucura generificada, Basaglia analisa o sofrimento subjetivo das mulheres nas instituições psiquiátricas a partir de uma abordagem humanitária e progressista em relação à saúde mental, desafiando as práticas tradicionais de institucionalização e estigmatização das mulheres consideradas “loucas”, destacando os efeitos subjetivos da violência de gênero contra as mulheres, o aprisionamento da sexualidade feminina e os impactos da sobrecarga do trabalho doméstico realizado por mulheres. Argumenta que a violência de gênero é ignorada ou justificada com base na suposta insanidade das vítimas.

A autora traça uma estreita relação entre o transtorno mental com a rigidez das regras de comportamento das mulheres: quanto mais restritos os papéis sociais esperados delas, mais graves os tipos de infrações e rótulos e sanções psiquiátricas que recaem sobre elas. As regras de comportamento masculino se referem ao homem como ser social, ao passo que as regras de comportamento feminino restringem-se às esferas corporal e familiar da mulher, estas ainda acompanhadas de conotações morais, baseadas em sua capacidade ou incapacidade de responder à imagem social que dela se espera: boa filha, boa mãe, objeto sexual. Dentro deste cenário, para Basaglia (1987), a reduzida margem de erro de comportamento que se concede à mulher, em comparação à que se concede ao homem, oferece os elementos necessários para que se enfrente o problema da “mulher e loucura”: quando uma mulher fura o conjunto de comportamentos reconhecidos como legítimos, que é totalmente reduzido e limitado, é considerada “antinatural” e fora do “normal”.

Retomando a concepção já apresentada de que a mulher é natureza, seu corpo não é seu, mas somente existe como um *corpo-para-outros* (BASAGLIA, 1987). A autora defende a ideia de que a existência da mulher é limitada em função de outros e que sua subjetividade tem sido reduzida e aprisionada dentro de uma sexualidade para outros, especificamente para fins de reprodução (BASAGLIA, 1987). Dessa forma, ela não pode existir como ser autônomo, próprio, e tampouco ter em seu corpo fonte de prazer ou vitalidade. Historicamente, o homem “tem agido como se as leis da natureza lhe houvessem dito que a mulher havia nascido para ele, para responder a suas

necessidades, e que a felicidade para ela consistia em se doar, sem uma possibilidade de reciprocidade” (BASAGLIA, 1987, p. 22).

De forma geral, Basaglia (1987) defende a importância de reconhecer e respeitar a autonomia das mulheres em relação a seus corpos e experiências mentais, e acredita que somente haverá igualdade entre homens e mulheres quando esta regra de opressão culturalmente mascarada como diferença natural for rompida.

Como forma de sintetizar as contribuições de Basaglia para a discussão sobre loucura e gênero, apresentamos no QUADRO 1, os principais conceitos da referida obra:

QUADRO 1 — Quadro conceitual sobre loucura e gênero na obra de Franca Basaglia

Franca Basaglia	
Obra:	<i>Mujer, locura y sociedad</i> (1983 - 1ª edição)
Conceito de mulher:	As mulheres estão situadas no primeiro nível de opressão, que consiste em terem nascido mulher dentro de uma cultura em que este fato, por si só, é tomado como depreciação. Socialmente, existem regras de comportamento definidas essencialmente sobre a esfera corporal e familiar da mulher no que se refere a sua capacidade ou incapacidade para responder à imagem ideal que é dela esperada: boa filha, boa mãe, objeto sexual, subordinação, submissão.
Conceito de loucura:	Carência e impossibilidade de alternativas dentro de uma situação que não oferece saída, onde tudo que existe está fixo e petrificado.
Conceito de loucura feminina:	Produto humano e histórico-social; não-natural; fenômeno que ocorre através da cultura. Para a mulher, a gama de comportamentos aceitos e reconhecidos é reduzida, limitante, e determinante do que é tido como normal. A loucura da mulher é o que lhe é antinatural - como a autonomia e a agressividade. Não há tolerância ante comportamentos da mulher que não sigam à norma prescrita. Fatores considerados como “antinaturais” às mulheres, como a agressividade, nos homens têm valorização positiva.
A loucura Feminina	
Mulher como natureza:	Interpretação social de que tudo que se refere à mulher está dentro da natureza e suas leis: a mulher menstrua, engravida, pare, amamenta, passa pela menopausa. Todas as fases da sua história passam por modificações e alterações de um corpo que se ancora solidamente na natureza; assim sendo, na nossa cultura, tudo que a mulher é, ela é por natureza. Passividade, disponibilidade e feminilidade seriam parte de sua natureza e corresponderiam ao ideal de saúde mental para a mulher. O enlouquecer também aparece como algo da sua natureza, sendo a mulher louca por definição: o homem pode enlouquecer, a mulher é louca.
Mulher corpo-para-os-outros:	Associação entre a coisificação do corpo (mulher como corpo-para-os-outros ou mulher-sustento-para-os-outros) e a produção de uma subjetividade em torno do nutrir, compreender e proteger os outros. A subjetividade que a mulher reconhece, portanto, é da constante doação e anulação de si.
Mulher mãe-sem-mãe:	Essa categoria fala da produção da mulher adulta a partir da socialização da menina. Há uma diferença na criação das crianças: os valores que se transmitem ao filho homem o estimulam a desenvolver-se e se afirmar, a deixar o seu testemunho no mundo por meio da ação. Os valores transmitidos para as filhas mulheres levam a restrição dos seus interesses, a redução da sua esfera de ação e a repressão de todas as possibilidades que a separem da esfera “sexual-familiar”. Assim, a mãe precisa ensinar ao seu filho homem comportamentos que ela nunca aprendeu, assim como a menina, quando se tornar adulta e mãe, terá que nutrir sua família, sendo que ela mesma nunca recebeu essa nutrição.
Limitação dialética:	Pela estreita relação entre a mulher, a natureza, o corpo e a maternidade, ela tem sua vida traçada unilateralmente e não se admitem desvios: há uma limitação em relação a possibilidades de expressão e a gama de comportamentos tolerados socialmente para as mulheres. A limitação dialética tem submetido às mulheres a um estado de impotência, que se traduz como carência de alternativas reais e dificuldade para ser vista como sujeito de ação e da sua vida.

FONTE: As autoras (2023)

## 2 LAGARDE E AS MULHERES EM CATIVEIRO: A LOUCURA COMO APRISIONAMENTO EM PERFORMANCES DE GÊNERO

De forma geral, Marcela Lagarde (1996) entende por gênero uma construção simbólica que confere a uma pessoa uma série de atributos baseados no sexo biológico que ela possui, tal seja, características sociais, psicológicas, eróticas, econômicas, jurídicas, políticas e culturais que seriam inerentes a um homem ou a uma mulher. A autora defende que realizar uma análise de gênero dos fenômenos sociais permite denunciar as consequências nefastas da hierarquização política das pessoas baseadas em seu gênero, uma vez que, o gênero define maneiras de viver específicas para homens e mulheres, bem como oportunidades e restrições diferenciais para cada grupo.

Especificamente na obra aqui analisada, *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*, que é sua tese de doutorado, publicada em 1ª edição em 1990, pela Universidad Nacional Autónoma de México, Lagarde analisa o sofrimento feminino como uma forma de vida intrínseca a sua condição de existência. Igualmente como ocorreu com Basaglia, não foram localizadas traduções brasileiras da tese, de forma que para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se da obra original, em sua 4ª edição, de 2005. O problema que deu origem a sua investigação gira em torno da criação cultural das mulheres como seres que têm seus significados generificados, na qual a autora mobiliza três grandes teorias para analisar o seu objeto de estudo: antropologia, marxismo e existencialismo.

A obra de Lagarde traz um conceito autoral quando apresenta a ideia de cativeiro como um local de sentido de existência das mulheres, que será detalhadamente analisado à frente. Lagarde (2005) apresenta sua tese como tendo uma metodologia feminista que não apenas tenta revelar uma realidade antes ignorada, mas como a possibilidade de construção de uma teoria histórica que permite a aproximação de mulheres reais e a construção de um novo paradigma para superar os cativeiros femininos tradicionais. Assim, define este trabalho como um livro de teoria antropológica cujo eixo é a opressão das mulheres.

Para esta pesquisa, interessou-se pela especificidade do gênero na construção da mulher lida socialmente como “louca”. Nessa construção, Lagarde explora a noção de “essência” ou de “instintos” femininos, as formas e sentidos das existências das mulheres, a (falsa) dualidade entre homem/racionalidade e mulher/natureza. Assim, de forma semelhante à feita por Basaglia (1987), Lagarde (2005) reflete que a “loucura” relacionada à mulher trata-se de uma naturalização, e não de algo natural. Logo no início de sua tese, explicitamente aciona Basaglia, citando a autora italiana por esta ter jogado luz no problema cultural que crê na identidade da mulher em sua validação através da natureza (LAGARDE, 2005).

Sua metodologia, que chama de Antropologia da Mulher, para evidenciar a falta de interesse da antropologia *mainstream* nesse tema, analisa a relação dialética entre ser mulher e os modos de funcionamento sociais, expectativas, símbolos e papéis que circundam essa relação. Apresenta, a partir de tal perspectiva, o gênero não enquanto categoria totalizante, que homogeneiza as experiências de mulheres de forma equivalente, mas sim enquanto compartilhamento de uma coletividade que é também perpassada pelas vivências subjetivas e pela individualidade de cada uma. A categoria de gênero, portanto, apesar de comum, circunda culturas, especificidades e filtros de realidade particulares. A Antropologia da Mulher percebe as mulheres enquanto protagonistas da história e cultura e como autoras e objeto de conhecimento.

Lagarde (2005) também aponta a necessidade de uma conversão dessa metodologia antropológica em práxis, em projetos de transformação social e ressignificação de papéis de gênero, sendo essa práxis necessária em um âmbito político, social, cultural e individual. A Antropologia da Mulher cumpre o raro e fundamental papel de oferecer um contraponto ao androcentrismo da ciência moderna ocidental, em que o homem representa a si mesmo, mas também representa o neutro, enquanto a mulher é percebida através da comparação com este ser supostamente neutro e jamais a partir dela própria.

O ponto central da obra de Lagarde (2005) é a inserção da mulher em *cativeiros*. Dentro deste contexto, a autora entende os cativeiros como estereótipos de gênero e de feminilidade aos quais as mulheres são circunscritas. A construção de papéis esperados das mulheres é social e carrega uma expectativa, também social, de que sejam mães, esposas, etc., e que ainda sintam prazer em desempenhá-los: “a sociedade dispõe de mulheres para adorar e cuidar *dos outros*, trabalhar invisivelmente, purificar e reiterar o mundo, e devem o fazer de maneira compulsiva: por desejo próprio” (LAGARDE, 2005, p. 17, tradução livre).

Essa naturalização parte de uma ideia de essência da feminilidade que, dentro desta perspectiva, estaria inatamente ligada a uma economia do cuidado, ou seja, a mulher seria naturalmente atrelada ao cuidado do outro, ao ato de nutrir o outro, uma construção associada à natureza e papéis tidos como menos evoluídos do que a resposta racional, que também é construída socialmente, tida como inata ao homem.

A partir desta ideia, Lagarde (2005) trabalha com a categoria de *servidão voluntária da mulher*; ou seja, a noção de que é esperado que o ser feminino e o sentido de sua vida estejam centrados no serviço para o outro: “a servidão voluntária implica neste fenômeno de consentimento à opressão presente em todas as relações de dominação que sujeitam a indivíduos e a grupos” (LAGARDE, 2005, p. 163, tradução

livre). As mulheres estão cativas neste modelo de servidão por medo de mudança, já que mudar significa deixar de ser mulher da única forma que conhecem. É importante frisar que Lagarde apresenta a servidão voluntária como uma metodologia operativa da opressão patriarcal, presente nas mais diversas formas de patriarcado, em sociedades democráticas e autoritárias, e a dependência como uma característica generificada que faz as mulheres renunciarem o acesso à liberdade.

A autora destaca que a dependência é uma característica inerente das relações sociais, já que os indivíduos em sociedade necessitam um dos outros como estratégia de sobrevivência. No entanto, a dependência da mulher ocorre em condições de subordinação e de opressão, sendo a base do cativeiro das mulheres a dependência desigual, a subalternidade. Portanto, como um dos principais pontos de sua tese, Lagarde (2005) traz o conceito de dependência vital, escorada pelo domínio dos outros: “os cativeiros das mulheres se enquadram no âmbito do poder, e são categoria política, social e cultural conformada na história de opressão das mulheres” (LAGARDE, 2005, p. 167, tradução livre). Os cativeiros definem politicamente as mulheres nesta disponibilidade sempre voltada aos *outros*, definindo os limites de possibilidades de suas vidas. Assim, as mulheres se encontram nos cativeiros através da perda de sua autonomia, da possibilidade de se governar e de decidir por si mesmas. Os cativeiros tomam forma em espaços como a *casa, o convento, o bordel, a prisão e o manicômio*.

A mulher, portanto, é tida como um corpo-para-o-outro e dependente, estando submetida a alguém ou a algo - o que por si é tomado como atributo da feminilidade. A autora destaca como somente às mulheres é ensinado o ato de cuidado, e que a divisão desigual do trabalho é uma das razões pelas quais elas são estruturalmente oprimidas, independentemente de sua classe, raça, religião, orientação política, etc. Lagarde (2005), fazendo referência a Basaglia (1987) e ao conceito de “corpo-para-os-outros”, defende que um dos modos de ser das mulheres em cativeiro é através da expropriação do seu corpo, da sua sexualidade e da sua subjetividade. Para a autora mexicana, nos mais diversos modos de vida de todas as mulheres a base de seus cativeiros se levantam sobre o corpo, nele estando localizado o espaço do dever-ser a que elas devem se adequar:

O corpo vivido é o espaço do cativeiro da mulher como eixo de sua sexualidade é para os outros: as “mães-esposas” sintetizam o cativeiro do corpo na maternidade (corpo procriador para os *outros*) e na subsunção do erotismo (corpo para o prazer erótico dos *outros*). As prostitutas têm seu cativeiro corporal em sua especialização erótica para os *outros* e na negação da maternidade. As monjas reúnem ambos os tabus, o da mãe e o da prostituta: o cativeiro corporal das monjas está em seu ser todo tabuado, para o erotismo tanto como para a maternidade. (LAGARDE, 2005, p. 175, tradução livre)

Pensando nestas estruturas de opressão, Lagarde (2005) utiliza de conceitos propostos por Karl Marx, e outros autores marxistas, para analisar que, ao estar inserido na sociedade, o gênero feminino vem como um determinante ao que diz respeito à maneira de trabalho, no âmbito privado e/ou social. No entanto, a autora amplia sua reflexão para além dos limites do marxismo, apontando que as opressões a que estão submetidas as mulheres têm como características principais o lugar de cuidado, atenção e reprodução. Mesmo se a opressão de classe for desmantelada, as mulheres continuariam cativas.

Nesta pesquisa, que procurou entender os contornos da relação paradigmática entre mulher e loucura, o foco de interesse foi no cativo do manicômio. As transgressões da feminilidade entram em conflito com a visão de mundo racional que é associada à masculinidade, tida como normativa de conduta social. Entende-se então o manicômio enquanto espaço de opressão da loucura, que advém justamente da repressão sofrida por meio do patriarcado. O enlouquecimento da mulher, nesse contexto, associa-se ao não cumprimento ou à transgressão dos papéis sociais esperados dela. Lagarde (2005) defende que aquelas mulheres que, por vontade própria ou por compulsão, não cumprem com seu papel feminino são politicamente discriminadas e confinadas à categoria de “loucas”.

Apresentamos a seguir, um quadro que sintetiza as principais contribuições da autora para a discussão sobre a loucura das/nas mulheres:

QUADRO 2 — Quadro conceitual sobre loucura e gênero na obra de Marcela Lagarde

continua

Marcela Lagarde	
Obra:	Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas (1990 - 1ª edição)
Conceito de gênero:	É uma construção simbólica que confere a uma pessoa uma série de atributos baseados no sexo biológico que ela possui, tal seja, características sociais, psicológicas, eróticas, econômicas, jurídicas, políticas e culturais que seriam inerentes a um homem ou a uma mulher.
Conceito de loucura:	Surge como produto das dificuldades impostas à vida dos sujeitos a partir de contradições não reconhecidas como tal. Estas contradições acabam por impor limites para que esses sujeitos cumpram com os deveres estipulados social e ideologicamente a partir dos estereótipos de identidade. Há dificuldade para viver no marco dessas contradições não enunciadas e impotência ao cumprir com esses ideais de responsabilidade, que geram crises desestruturantes.
Definição de loucura feminina:	Não é definida como um estado diferenciado da sanidade e da razão; a linha que separa loucura e sanidade é, por vezes, invisível. Há um axioma do bem e do mal que opera o conceito de “loucas”: mulheres muito más e muito boas, cujo desdobramento exagerado da vida as levou aos extremos da desrazão. O poder define a partir da regra geral, em cada caso, se a mulher é sã ou louca. São sempre instituições e indivíduos do poder que decidem se a mulher está louca ou não – a família, o hospital, o tribunal, os familiares, os vizinhos, as amigas, os chefes, os médicos, os psicólogos. Na mulher, a loucura se acentua pelo não cumprimento de seus papéis: de cuidadora, de mãe, de amante, de servidora, de pura, de dócil.

QUADRO 2 — Quadro conceitual sobre loucura e gênero na obra de Marcela Lagarde  
continuação

Conceito de cativo:	Categoria construída na percepção do estado das mulheres no mundo patriarcal, que se concretiza na privação de liberdade. Os cativos definem politicamente as mulheres em uma disponibilidade sempre voltada para os outros, definindo os limites de possibilidades de suas vidas. Sendo assim, as mulheres se encontram nos cativos através da perda de sua autonomia, da possibilidade de governar e decidir por si mesmas. Os cativos tomam forma em espaços como a casa, o convento, o bordel, a prisão e o manicômio.
Conceito de manicômio:	Espaço de opressão da loucura, que advém também justamente da repressão sofrida por meio do patriarcado. O enlouquecimento da mulher, nesse contexto, associa-se ao não-cumprimento ou a transgressão dos papéis sociais esperados dela, e o manicômio aparece enquanto espaço de compartimentação dessa classe marginalizada, a da mulher louca. Os enclausuramentos da mulher têm início no ambiente doméstico e se concluem nos manicômios. Conforme as transgressões dos papéis de feminilidade aumentam, as mulheres são transpostas de seus cativos privados para o manicômio e para a categoria de enfermas. O manicômio é tido como lugar de cura e de solução, mas perpetua maus tratos e violências.
<b>A loucura Feminina</b>	
Loucura como dever-ser:	A loucura pode aparecer como o estado extremo do cumprimento dos mandatos e deveres da condição feminina. A ruptura ocorre quando, ao dar-se totalmente aos outros (dependência vital), acaba chegando ao vazio, quando não encontra reconhecimento positivo. Exacerbação mórbida dos papéis de gênero feminino.
Loucura como transgressão:	Envolve um enfrentamento fragmentário da condição da mulher a partir do distanciamento de seus papéis de gênero. O enlouquecimento acontece a partir de sua impossibilidade ou paralisação perante o cumprimento de suas “responsabilidades” como mulher.
Loucura como bruxaria:	Aparece a partir da associação da mulher com concepções mágicas de mundo, sejam de origem campestre, tradicional, religiosa ou outras. Há uma relação com a bruxaria através de discursos e entendimentos do mundo desviados da cultura e racionalidade tradicional, a partir de um sincretismo mágico-religioso que é perpetuado por rituais, preces e práticas tidos como esotéricos. A mulher é entendida como louca por crer religiosamente e por engajar-se em práticas e rituais não-convencionais, depositando sua fé no outro, mas, nesse caso, num outro mágico.
Loucura da mãe-esposa:	A mãe-esposa está permanentemente voltada em sua existência para o outro, a quem deve servir. A síntese dos papéis de mãe e de esposa são espaços de impossibilidade de alternativas, de uma existência petrificada, em que toda sua identidade e a totalidade de ser mulher consiste em sua forma de servir. Dentre as formas de loucura que partem dessas condições estão as mulheres divorciadas ou que perderam seus filhos, que perdem também nessa condição sua própria forma de existir e sua identidade.
Loucura da/na menopausa:	A partir da relação com o corpo e sexualidade, a menopausa aparece como símbolo do fim de um ciclo vital que significa o término da fertilidade. Essa condição pode implicar um problema de identidade e questionamento de si enquanto “perda de uma natureza feminina” e de sexualidade.
Loucura erótica:	Mulheres que transgridem as normas de fidelidade, monogamia e permanência na conjugalidade. Outra forma de loucura erótica são as mulheres que pela maneira de ser ou outras condições (idade, deficiência, etc) não são vistas socialmente como corpo erótico para os outros, e, portanto, deveriam adotar o celibato.
Bovarismo:	O bovarismo é a loucura da mãe-esposa que engaja em novas formas de sexualidade e erotismo que não estão submetidas à procriação ou à conjugalidade. Trata também de uma transgressão em que a mulher busca um novo espaço vital para si através do amor erótico, que pode ser extraconjugal ou vivido após o fim de um casamento, por exemplo. Há uma perpetuação da dependência e servidão em relação ao outro a quem se procura eroticamente. Há uma transgressão do papel de mãe e de esposa, mas permanece a submissão ao outro.

QUADRO 2 — Quadro conceitual sobre loucura e gênero na obra de Marcela Lagarde  
conclusão

Mulheres adictas:	A adicção ao álcool ou outras substâncias é entendida como uma forma de enfrentamento aos sofrimentos vividos, como elemento terapêutico ou de defesa. A bebida e o espaço público são tidos como espaços de expressão masculina, o que torna o alcoolismo das mulheres uma transgressão. A imagem da mulher pública que faz uso de álcool pode ser lida como uma imagem de disposição erótica e símbolo de autonomia. Contudo, há uma perpetuação da dependência vital, com o álcool enquanto um substituto do outro e como um anestésico à dor. A moderação enquanto atributo necessário à feminilidade também é transgredida no alcoolismo, o que estigmatiza a mulher alcoolista, que sofre uma dupla opressão a partir das humilhações impostas a sua condição.
Beatas:	São uma forma cultural aceita de loucura feminina. Normalmente mulheres solitárias, sem casamento e sem filhos, que estabelecem dependência vital e servidão voluntária à igreja. A religião abarca toda a sua experiência subjetiva e o conteúdo da sua vida a resguarda de cumprir outros papéis de gênero. Enquadram-se aqui também as monjas e as freiras, que, por meio da ausência de relações de sexualidade, cumprem os papéis de serviço e submissão, ocupando-se com orações e funções da igreja.
Mãe ruim:	Sendo a maternidade um dos papéis vitais atribuídos à mulher, são várias as categorizações relativas à mulher que enlouquece em relação ao exercício (ou não exercício, ou mal exercício) da maternidade. As mães que abandonam não são somente as que deixam os filhos para trás, mas as que se dedicam a algo diferente dos filhos em sua vida, dividindo seu tempo ao invés de adotar uma dedicação total. O juízo moral que se faz do abandono é idealista e estereotipado, e também é destinado às mulheres que abortam e que maltratam os filhos. Mães punitivas e mães que cometem filicídio também se enquadram nessa loucura, em gradações diferentes. Aqui, ressalta-se que o trato das mulheres que são “mães ruins” distingue-se fundamentalmente do mau exercício de paternidade, uma vez que o homem que não exerce a paternidade não é tido como incompleto. As mulheres que romperam com sua maternidade de alguma forma (pela morte do filho, pelo abandono, pelos maus tratos, pelo filicídio) são transgressoras e desobedecem ao poder e à sua condição genérica de ser, e por isso são tidas como loucas.
Suicidas:	O suicídio aparece enquanto experiência de sofrimento máximo perante a interiorização de todas as obrigações enquanto mulher. O suicídio da amante, da prostituta, da mãe que perde o filho, da mulher abandonada, são todos atravessados pela culpa do não-cumprimento de um papel. O suicídio do homem é uma lástima, mas é dotado de compreensão. O suicídio da mulher é tido como imperdoável e como consequência de uma incapacidade da mulher perante o mundo.
Todas as mulheres são loucas:	A feminilidade se apresenta não somente enquanto símbolo de submissão, mas também necessariamente de loucura. A assunção da feminilidade e também sua transgressão são marcadas pela irracionalidade, sendo que ambos os sexos repudiam as expressões de feminilidade.

FONTE: As autoras (2023)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises aqui apresentadas, entende-se que Basaglia e Lagarde são pesquisadoras e teóricas autorais, que lançaram obras que conversam com definições estabelecidas de opressão de mulheres e de loucura, porém, ampliam tais definições, alicerçado suas próprias, inaugurando interpretações sobre a condição feminina de opressão diferentes das tradicionais que vinham sendo feitas até então.

Como pontos de convergência, ambas trazem como questões chaves para a análise da opressão feminina as ideias de i) naturalização da mulher, em que características como passividade e disponibilidade seriam tomadas culturalmente como parte da essência feminina, de um ideal (inclusive de saúde mental) que deve ser aceito pelas mulheres como algo que satisfaz suas exigências e tendências supostamente naturais (BASAGLIA, 1987), e em que a autonomia feminina é socialmente lida como “loucura” (LAGARDE, 2005), em uma compreensão de que a mulher é natureza pré-fabricada ou não é mulher; ii) mulher enquanto corpo-para-os-outros, em que deve haver uma total identificação dela com um ser-para-os-outros (BASAGLIA, 1987), através do qual ela não sabe o que significa viver para si mesma, por meio da dependência vital e da servidão voluntária ao outro (LAGARDE, 2005), em que a mulher será corpo-para-os-outros ou não será corpo; iii) que a mulher constrói ativamente o seu cativeiro: ou ela aceita sua condição de cativa/prisioneira ou ela deixará de existir.

As duas autoras partem suas discussões de categorias estruturais de classe, gênero, raça e demais determinantes sociais, lançando luz na estrutura do patriarcado que atua na desarticulação das mulheres enquanto grupo social, grupo este historicamente tomado como a mulher enquanto ser-para-os-outros. Para pensar as mulheres enquanto grupo, acionamos a diferença que Lagarde (2005) traz em sua obra sobre condição e situação. A condição de mulher está constituída por um conjunto de relações de produção, reprodução e por todas as demais relações vitais em que estão imersas as mulheres independentemente da sua vontade e consciência, pelas instituições jurídicas e políticas que as normatizam e pelas concepções de mundo que a definem e interpretam. A condição fala sobre a mulher concebida histórica e culturalmente. A situação expressa a situação concreta de mulheres particulares a partir da sua conjuntura de vida. As mulheres compartilham no gênero a mesma condição, mas se diferenciam em relação a situação de vida e os graus e níveis de opressão. Nesse sentido, Basaglia (1987) refere-se ao denominador comum da experiência das mulheres em nossa cultura ocidental, que é o fato de que nascer mulher é por si só razão de desvalorização, ainda que mulheres distintas possuam diferenças de classe, margens de liberdades ou privilégios, níveis de opressão ou de consciência. Esses apontamentos permitem compreender a mulher enquanto uma categoria geral, que se refere ao gênero feminino, sua condição histórica e o contexto que cada mulher recebe do mundo social para enfrentar. Isso posto, é possível pensar o fenômeno cultural do enlouquecer feminino e também a experiência de enlouquecer de mulheres concretas.

Quando partimos para esse estudo, a pergunta que nos guiava era se existia uma especificidade na loucura das mulheres, e depois da ampla análise das obras de Basaglia e Lagarde, podemos afirmar que sim. A cultura estabelece traços específicos

que distinguem homens e mulheres, enquanto performances de gênero, a loucura sendo culturalmente situada também vai apresentar especificidades generificadas. Com isso não pretendemos afirmar que a loucura é uma construção ou invenção cultural, uma vez que apesar da variação cultural ela aparece como o mais humano dos fenômenos, enquanto uma condição de possibilidade ou vulnerabilidade existencial própria da nossa espécie (FUCHS, 2018). Nossa posição vai no sentido de compreender a loucura como um produto da cultura, tal seja, o contexto vai imprimir características específicas na experiência da desrazão. A mulher enlouquece na cultura quando não consegue ou não quer desempenhar a contento os papéis sociais que são esperados dela.

Para finalizar, gostaríamos ainda de apresentar duas breves reflexões sobre o cuidado destinado às mulheres loucas. A primeira tem por base a compreensão, proposta por Basaglia (1987) e Lagarde (2005), de que a autonomia não é uma característica que define as mulheres na nossa cultura, essa é uma marca da masculinidade, enquanto a feminilidade tem sua esfera de ação reduzida. Essa circunstância entra em rota de colisão com um dos pressupostos mais importantes da agenda da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica, que é o desenvolvimento da autonomia como uma forma de avaliar e promover a saúde mental de uma pessoa. Isso posto, nos perguntamos: é possível usar a autonomia como medida de saúde mental das mulheres? Como a mulher poderia retomar uma autonomia se ela nunca a teve? No contexto específico de recuperação após uma situação de adoecimento psíquico, acionar a autonomia como condição para um alta, não seria relegar a mulher à situação de ser considerada permanentemente louca? Se há um viés de gênero importante a ser considerado sobre a forma e o conteúdo de enlouquecer, também precisamos pensar nesses termos a terapêutica.

A segunda reflexão advém da obra da Basaglia, quando está enuncia a loucura das mulheres enquanto fruto da limitação dialética em suas vidas. Se o sofrimento específico das mulheres é porque estas estão aprisionadas em papéis sociais muito restritos e na censura e coerção a que são impostas quando não desempenham essas funções, uma forma de cuidado possível é criar mais espaços de vida, tal seja, mas alternativas dialéticas. Encontrar novas formas de expressão, outros lugares para estar, outros modos de ser, para além dos estereótipos de gênero, aumentaria o poder de ação das mulheres, e seria uma forma de promoção da saúde mental. Desta feita, se há modos específicos de loucura para as mulheres, há possibilidade de pensar modos de cuidado também específicos.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION — APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BASAGLIA, F. **Mujer, locura y sociedad**. Puebla: Universidad Autónoma de Puebla, 1987.
- CARDOSO, S. O apagamento epistêmico das filósofas negras, indígenas e latino-americanas e a colonialidade. **Revista de Estudos Anarquistas e Decoloniais**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, 2023.
- CARVALHO, Y. Do velho ao novo: a revisão de literatura como método de fazer ciência. **Revista Thema**, Pelotas, v. 16, n. 4, p. 913-928, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1328>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- CONNELL, R. **Gênero em termos globais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- FRANCISCO, EL HOMBRE. **Triste, louca ou má**. Soltasbruxa. São Paulo: Navegantes, 2016. (4 min).
- FUCHS, T. **Para uma psiquiatria fenomenológica: ensaios e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.
- GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- ITALIA. Legge n. 180, 13 Maggio 1978. Accertamenti e trattamenti sanitari volontari e obbligatori. Roma: Gazzetta Ufficiale, Roma, 16 Maggio 1978.
- LAGARDE, M. “El género”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’. In: LAGARDE, M. **Género y feminismo: desarrollo humano y democracia**. Madrid: Horas y Horas, 1996. p. 13-38.
- LAGARDE, M. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial de saúde: saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Genebra: OPAS; OMS, 2001.
- SILVA, G. B.; SILVA, G. P. Uma revisão literária acerca dos desafios no diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em mulheres. **Epitaya**, Rio de Janeiro, v. 1. n. 28, p. 146-156, 2023.
- TOMÉ, D. S. Ciencia y emociones: ¿responde la exclusión de la emotividad en la investigación científica a un prejuicio androcéntrico? **Tábano**, Buenos Aires, v. 12, n. 1, p. 71-89, jan. 2016.